

# REFLEXÕES SOBRE A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

Claiton André Kunz<sup>1</sup>

## RESUMO

Um dos textos mais conhecidos da Bíblia é a parábola do Bom Samaritano. No entanto, mesmo sendo tão lido e tão conhecido, guarda inúmeros ensinamentos, nem sempre tão facilmente percebidos. A presente pesquisa pretende analisar esta perícopes de Lucas 10 e refletir sobre os temas nela presentes.

**Palavras-chave:** Jesus, Novo Testamento, Parábola, Samaritano.

## ABSTRACT

One of the best known texts in the Bible is the parable of the Good Samaritan. However, even through it is widely read and well known, it contains countless teachings, which are not easily perceived. This research aims to look into the pericope in Luke 10 and reflect on the themes which it presents.

**Keywords:** Jesus, New Testament, Parable, Samaritan

## **Visão geral do texto**

A perícopes de Lucas 10.25-37, estudada na presente pesquisa, não possui um paralelo exato nos outros evangelhos. Alguns autores tentam argumentar em termos de uma semelhança com os textos de Mt 22.34-40 e Mc 12.28-34. Entretanto, as diferenças são muito grandes para se pressupor uma passagem paralela.

Em Lucas a situação histórica é retratada muito anterior à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Já em Mateus e Marcos o episódio se dá em Jerusalém, após a entrada de Jesus. Em Mateus, um intérprete (e em Marcos, um escriba) pergunta sobre o maior mandamento, enquanto que em Lucas a pergunta é sobre como herdar a vida eterna. Em Lucas, Jesus retorna a pergunta para o intérprete, enquanto que em Mateus e Marcos, o próprio Jesus responde. Em Marcos, o escriba elogia a resposta de Jesus, ao contrário de Lucas onde é Jesus que elogia a resposta dada pelo intérprete.

Trata-se, portanto, de passagens diferentes em situações diferentes, embora contenham certa semelhança. Quanto à parábola do bom samaritano, não existem paralelos, sendo relatada exclusivamente por Lucas.

## **Contexto histórico**

Tanto a harmonia de A. T. Robertson quanto a de Watson e Allen sugerem que o fato aconteceu em algum lugar da Judeia, após o envio e retorno dos setenta. Lucas relata também a exultação de Jesus pelo fato do Pai ter se revelado aos pequeninos e não aos sábios e entendidos. E, então, o texto diz que um intérprete se levantou com o intuito de por Jesus em provas. O contexto imediato da parábola (quanto à pergunta do intérprete da Lei) será analisado no item 4, junto com a exegese do texto (ROBERTSON, A. T., 1995, p. 102), WATSON, S. L.; ALLEN, W. E., 1953. p.114).

Quanto ao pano de fundo do momento histórico, deve-se fazer menção a respeito do povo samaritano. A origem deste grupo vem após a queda de Samaria e do Reino de Israel, quando o rei Sargom levou a massa dos habitantes para a Assíria, sendo depois repovoados, em parte, os territórios israelitas por estrangeiros, vindos das regiões vizinhas do Tigre e do Eufrates (2 Rs 17). Estes e os israelitas, que tinham ficado na terra de Israel, aliaram-se por casamentos recíprocos, tomando mais tarde o nome de samaritanos. A princípio sua religião era diferente dos judeus, pois temiam o Senhor e ao mesmo tempo serviam aos seus próprios deuses. Mas depois das reformas de Josias,

que se estenderam até Betel e aos distritos do norte (2 Rs 23.15; 2 Cr 34.6-7), parece que o povo cedeu à destruição de seus ídolos, aceitando nominalmente a religião israelita. Todavia, embora tivessem a mesma religião que os judeus, não tinham destes a sua estima.

Lucas relata, no capítulo 9.51ss, que Jesus estava decidido a ir para Jerusalém. Enviando seus discípulos para lhe prepararem pousada, estes entraram numa aldeia samaritana. Quando estes perceberam que o aspecto dele era de que decisivamente ia para Jerusalém, não o receberam.

Kistemaker informa que os samaritanos não eram um povo muito simpático. Seu ódio pelos judeus explodia por diversas maneiras. Por exemplo, entre 9 e 6 a.C., tinham profanado a área do templo para evitar que os judeus celebrassem a Páscoa. Fizeram isso espalhando ossos humanos pelos pátios do templo. Por outro lado, aos olhos dos judeus, os samaritanos eram mestiços. Nos cultos, nas sinagogas judaicas, os samaritanos eram amaldiçoados. Os judeus oravam a Deus para que os excluísse da vida futura (KISTEMAKER, Simon J., 1992. p. 192-193) Bailey informa que a *Mishna* declara que “Aquele que come o pão dos samaritanos é como aquele que come a carne de suínos” (BAILEY, Kenneth, 1995, p. 92).

### Contexto literário

Alguns autores trazem diferentes comentários sobre o contexto literário da perícopa dentro do livro. Charles Ryrie traz o seguinte esboço do livro, tendo o tema do Filho do Homem como centro: a) ***A identificação do Filho do Homem*** (1.5 – 4.13); b) ***O ministério do Filho do Homem*** (4.14 – 9.50); c) ***A rejeição do Filho do Homem*** (9.51 – 19.27); d) ***A condenação do Filho do Homem*** (19.28 – 23.56); e) ***A vindicação do Filho do Homem*** (24.1-53). Na seção sobre a rejeição do Filho do Homem, mostra a rejeição pelos samaritanos (9.51-56), por homens mundanos (9.57-62), *pelo intérprete da lei* (10.25-37), pela nação (11.14-36), etc. (RYRIE, 1994. p.1266-1).

Bailey, por outro lado, faz uma interessante estrutura em forma de quiasmo de todo o “documento de Jerusalém” que vai de 9.51 até 19.48. Ele organiza o material em dez seções duplas (mesmo que intercalando alguns materiais adicionais), como segue: (BAILEY, 1995, p. 30-33).



hábil ao afirmar que a Lei se resumia no mandato de amar a Deus e aos homens. Jesus tomou outra vez a palavra: “*Respondeste corretamente; faze isto e viverás*” (v.28) (ERDMAN, 1974. p. 142-143).

De fato, este homem tinha a teologia certa, mas a questão é: Estava disposto a agir de acordo com ela? O seu estado intelectual era excelente; o seu desempenho ainda estava em dúvida. Bailey observa que o verbo **fazer** (no original *poíei*) está no presente do imperativo, significando “*continua fazendo*”. O doutor da lei havia pedido a definição de um requisito limitado e específico: “o que, *tendo feito*, herdarei...” (no original *poiêsas*, particípio aoristo). A resposta é dada na forma de uma ordem para um estilo de vida sem fim, que requer amor ilimitado e irrestrito a Deus e ao próximo (BAILEY, 1995, p. 80-81).

O intérprete, porém, não quis deixar a questão parar ali. Queria *justificar-se*. Havia percebido que perguntara algo que já sabia. Em seu raciocínio faz outra pergunta para dar a entender que de princípio tinha a intenção de ir mais a fundo. Pergunta então: “*Quem é o meu próximo?*” (v.29). A contrapergunta, sobre o que se entende por “próximo” era justificada porque a resposta era discutível. De fato reinava acordo de que significava o membro do povo de Israel incluindo o prosélito pleno, mas não estava de acordo sobre as exceções: os fariseus se inclinavam a excluir os não-fariseus; os essênios exigiam que se odiasse “*todos os filhos das trevas*”; etc (JEREMIAS, 1970. p. 202).

O judeu vivia num círculo: o centro era ele mesmo, cercado por seus parentes mais próximos, então pelos outros parentes, e finalmente, pelo círculo daqueles que proclamavam descendência judaica e que se tinham convertido ao judaísmo. A palavra *próximo* tinha um sentido de reciprocidade: “ele é meu irmão e eu sou irmão dele”. Assim se fecha o círculo de *egoísmo* e *etnocentrismo* (KISTEMAKER, 1992, p. 1890).

A resposta de Jesus à pergunta do intérprete, em forma de parábola, não terá apenas dado uma definição do conceito de próximo, mas deve ter dito por onde dentro da comunidade do povo passa a fronteira limitante do dever do amor. “Até onde vai a minha obrigação?” É este o sentido da pergunta.<sup>1</sup> (JEREMIAS, 1970, p. 202).

Jesus não respondeu a pergunta diretamente, mas, sim, contou uma história. Certo homem descia a estrada de Jericó. Não é dito se era rico ou pobre. Ele caiu em mãos de salteadores, os quais depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto (v. 30). A estrada de Jerusalém para Jericó passa por um declive íngreme através de

terras desertas. A distância é de cerca de 28 Km, e a estrada desce cerca de 1000 metros. É o tipo de paisagem selvagem em que os salteadores habitualmente agem (MORRIS, 1996. p. 178).

Aconteceu que **um sacerdote** passou por lá enquanto o homem ainda jazia ali. A tradução Revista e Atualizada traz aqui a palavra “casualmente”. No original, *sygkyrian*. Robertson informa que este termo provém do verbo *sygkyreô* e é melhor traduzir por “coincidir” do que “por casualidade” (ROBERTSON, 1989. Vol. 2, p. 174) A Nova Versão Internacional traz somente que “*aconteceu estar descendo...*”, isentando-se desta questão.

Visto o homem estar “semimorto”, o sacerdote provavelmente não poderia ter a certeza se estava morto ou não, sem tocá-lo. Mas se o tocasse, e o homem realmente estivesse morto, então teria incorrido a contaminação cerimonial que a Lei proibia (Lv 21. 1ss). Poderia ter a certeza de conservar sua pureza cerimonial somente por meio de deixar o homem como estava. Poderia ter certeza de que não omitia ajuda a um necessitado somente por meio de ir até ele. Neste conflito, a pureza cerimonial ganhou a batalha. Não somente deixou de ajudar, mas, *vendo-o, passou de largo* (MORRIS, 1996, p. 178-179).

“*Passou de largo*” provém do termo grego *'antiparêlten*. Um segundo aoristo do indicativo ativo de *'antiparérxomai*, encontrado somente aqui no Novo Testamento (CONCORDÂNCIA FIEL DO NOVO TESTAMENTO: Grego – Português. 1994. Vol. 1, p. 62). Rienecker, comentando a respeito deste termo, afirma que significa “passar por ali, mas do outro lado”. Ele chegou perto da vítima, e depois disto atravessou para o outro lado da estrada (RIENEKER, ROGERS, 1988. p. 127).

Bailey comenta que os ouvintes da parábola devem ter aplaudido o fato do sacerdote ter negligenciado o homem ferido, e que os fariseus o julgariam justificado por não ter parado, como tendo o direito de passar longe (BAILEY, 1995, p. 89). Outros autores e muitos pregadores justificam a atitude do sacerdote argumentando que ele não poderia demorar-se com este homem ferido, tendo em vista ter muitas pessoas a quem deveria atender com o seu trabalho.

Este argumento é falho por não observar um simples detalhe geográfico. O texto diz que um homem “descia de Jerusalém para Jericó”. Mais a frente afirma que o sacerdote *descia pelo mesmo caminho*. Lembrando-se que o templo ficava em Jerusalém e não em Jericó, torna-se claro que o sacerdote não estava indo para o seu trabalho e, sim, voltando do mesmo. Desta forma, tinha todo o tempo necessário para atender o homem ferido.

Assim, Camargo expõe poeticamente a negligência do sacerdote: “Movido por uma força centrífuga, descreve em sua passagem um arco de círculo em torno do ferido, centro de gemidos e sangue, e deixa atrás de si a sombra de sua indiferença criminosa” (CAMARGO, 1970. p. 105).

Aconteceu também que **um levita** passou por lá. Ele também era um personagem religioso de que se poderia esperar que se interessasse em ajudar um homem na sua necessidade. Mas também este era um homem interessado em questões de pureza cerimonial. Achou melhor não envolver-se, e *vendo-o, também passou de largo* (MORRIS, 1996, p. 179).

Bailey argumenta que o levita estava ciente de que o sacerdote havia passado antes dele naquele lugar e que este nada havia feito. E é o exemplo de seu superior, que o detém. Ele pode dizer: “Se o sacerdote que está à minha frente nada fez, porque eu, um mero levita, devo me preocupar?”. Poderia também pensar que o ato de ele agora se atirar a essa tarefa seria uma espécie de afronta ao seu superior, uma acusação implícita contra ele, de desumanidade e dureza de coração (BAILEY, 1995, p. 91).

Os ouvintes decerto esperariam que um sacerdote e um levita fossem seguidos por um israelita leigo, aguardando uma história com um enredo anticlerical. Destarte, o efeito de Jesus ao introduzir o samaritano foi devastador (MORRIS, 1996, p. 179) Jesus poderia ter contado uma história de um judeu nobre ajudando um odiado samaritano. Uma estória assim teria sido absorvida mais facilmente pelas emoções do auditório. Pelo contrário, um odiado samaritano é o herói da história. Jesus atinge um dos sentimentos de ódio mais profundos do auditório, e dolorosamente o expõe (BAILEY, 1995, p. 92-93).

Porém, os samaritanos não são gentios. Obedecem à mesma Torá que também lhe diz que o seu próximo é o seu compatriota e consanguíneo. Ele está viajando na *Judeia*, e lhe é menos provável que o ferido anônimo seja um próximo, do que para o sacerdote ou o levita. A despeito disto, ele é quem age (BAILEY, 1995, p. 93). É ele quem se compadece do sofredor. Dá-lhe um atendimento de emergência, com óleo e vinho, e depois em seu próprio animal o conduz para uma hospedaria, onde tratou dele.

Bailey faz algumas observações interessantes. Em primeiro lugar, “óleo e vinho”, não eram necessariamente usados como remédios para prestar primeiros socorros. Eram, isto sim, “elementos sacrificiais na adoração do templo” (DERRETT, 1970 apud Bailey, 1995, p.93). Semelhantemente, o verbo

“derramar” provém da linguagem litúrgica. Durante séculos, soou o clamor para o povo ir além dos rituais. Oséias (6.6) e Miquéias (6.7-8) pediram amor inabalável e não sacrifícios. Assim, o sacerdote e o levita haviam falhado miseravelmente diante da oportunidade de fazer o “sacrifício vivo”. É o odiado samaritano que derrama a libação sobre o altar das feridas desse homem. É ele quem derrama a verdadeira oferta aceitável a Deus.

Em segundo lugar, Bailey observa o perigo pelo qual o samaritano passou ao transportar o ferido até a hospedaria. Uma das características cruéis da *lex talionis* é que se o homicida em pessoa não pode ser encontrado, os vingadores do sangue têm o direito de matar qualquer outro membro da família, e depois qualquer conhecido não importa quão remoto seja e, finalmente, qualquer membro da tribo ou nação. Aqui, o pressuposto natural da história é que o samaritano levou o homem, descendo para Jericó. O samaritano, permitindo sua identificação, corre o grave risco de deixar que a família do ferido o procure para vingar-se dele. Afinal de contas, quem mais poderia ser encontrado? A mente grupal do camponês do Oriente Médio faz um julgamento totalmente ilógico neste ponto. A atitude de bondade do samaritano, nesta altura, não faria muita diferença. Aqui é verificada a sua verdadeira valentia. O problema não é sua coragem, mas o preço que ele está disposto a pagar para completar o seu ato de compaixão (BAILEY, 1995, p. 95-98).

Ao se retirar, deixou com o hospedeiro dois denários por conta, e mandou que o homem fosse cuidado. E isto não era tudo, pois qualquer coisa que o hospedeiro gastasse a mais, o samaritano obrigou-se a indenizar no caminho de volta. É um quadro muito atraente de um homem que fez mais do que o mínimo. Viu um homem numa emergência e fez tudo o quanto lhe era possível (MORRIS, 1996, p. 179-180).

Ao concluir a parábola, Jesus pergunta ao intérprete da lei: “*Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?*” (v. 36). Enquanto o intérprete da Lei, no v. 29, perguntara pelo objeto do amor (a quem devo eu tratar como próximo?), Jesus pergunta pelo sujeito do amor (quem agiu como próximo?). O intérprete, a partir de si, pensa quando pergunta: “Onde está o limite do meu dever (v.29)?” Jesus lhe diz: “Pensa a partir daquele que sofre a necessidade, coloca-te na sua situação, reflete contigo mesmo: «quem espera ajuda de mim (v. 36)?»” (JEREMIAS, 1970, p. 203-204). A pergunta sempre deve ser feita desta maneira. Não é questão de distância entre as pessoas, mas de necessidade de uma e amor da outra (FUENTE, 1978. p. 84).

## Citações do Antigo Testamento

No texto são feitas citações e alusões a três textos do Antigo Testamento. As primeiras duas citações referem-se à resposta do intérprete a Jesus, quando foi questionado sobre o que estava escrito na Lei e como ele a interpretava. A resposta do intérprete é um excelente resumo de todo o Antigo Testamento. Por um lado afirma que a Lei ordena: “*Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento*”. Esta expressão, com exceção do último elemento, é uma citação do Shemá (Dt 6.5). Em Mateus (22.37) e Marcos (12.33) este último elemento é encontrada nas palavras do próprio Jesus.

As quatro faculdades com as quais o homem deve amar a Deus, podem ser entendidas em termos de vontade (coração), sentimentos (alma), corpo (forças) e intelecto (entendimento). Morris argumenta no sentido de que estes aspectos mostram a totalidade da natureza do ser humano, que deve ser incluída neste amor a Deus (MORRIS, 1996, p. 177).

A segunda parte da resposta do intérprete é uma citação de Lv 19.18: “*amarás o teu próximo como a ti mesmo*”. A mesma citação é encontrada algumas vezes nas palavras de Jesus (Mt 5.43; 19.19; 22.39; Mc 12.31), de Paulo (Rm 13.9; Gl 5.14) e de Tiago (Tg 2.8).

Estas duas expressões são indicadas por Jesus como não havendo mandamento maior (Mc 12.31) e que toda a lei e os profetas dependem delas (Mt 22.40). A ligação entre ambas pode ser confirmada também pela afirmação do apóstolo João: “*Se alguém disser: amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê*” (1 Jo 4.20).

Outro aspecto a ser considerado é a afirmação de Jesus ao intérprete, quando se refere a sua resposta. Jesus afirma: “*Respondeste corretamente; faze isto, e viverás*” (v.28). Não com tanta certeza, mas o texto parece aludir a Lv 18.5, onde encontra-se estrutura semelhante: “*Portanto os meus estatutos e os meus juízos guardareis; **cumprindo** os quais, o homem **viverá** por eles: Eu sou o Senhor*”.

## **Temas Teológicos**

Diferentes temas teológicos podem ser abordados a partir deste texto.

### **a) Uma rejeição ao legalismo**

Alguns autores veem neste texto uma recomendação formal do caminho das obras. É talvez mais provável que seja um repúdio às obras. Não é aquilo que se faz, considerado como uma obra meritória, que importa, mas, sim, a atitude. Se realmente se ama a Deus segundo a maneira da qual Jesus fala, é porque se confia nEle, e não em si mesmo. Jesus não está recomendando um novo sistema de legalismo um pouco diferente do antigo, mas, sim, está apontando para o fim de todo o legalismo.

O intérprete da lei queria uma regra ou coletânea de regras que pudesse observar e assim merecer a vida eterna. Jesus o informa que a vida eterna não é questão de observar regras, de modo algum. Viver no amor é viver a vida do reino de Deus. A atitude para com Deus determina o resto. Se alguém ama a Deus, amará também o seu próximo (1 Jo 4.20) (MORRIS, 1996, p. 177-178).

### **b) A inutilidade da autojustificação**

A parábola torna claro que qualquer tentativa de autojustificação está fadada ao fracasso. O padrão é elevado demais. A vida eterna não pode ser adquirida pelo esforço próprio. No entanto, a parábola estabelece um padrão ético pelo qual se deve lutar, embora ele não possa ser alcançado totalmente. À semelhança da ordem de “ser perfeito” (Mt 5.48), o padrão permanece, mesmo que em sua expressão mais plena ele seja impossível de atingir (BAILEY, 1995, p. 101).

### **c) Um repúdio ao preconceito**

Este texto mostra um samaritano, um estranho odiado pelos judeus, demonstrando amor compassivo para com um israelita. Assim a parábola é um ataque frontal contra qualquer tipo de preconceito racial. Jesus não poderia ter sido mais objetivo do que isto, para mexer num dos maiores problemas de relacionamento do povo judeu: o seu preconceito para com os meio-irmãos samaritanos.

#### **d) Um conceito de amor**

Se há assinalado também que três conceitos aparecem ilustrados nesta história. O ladrão disse: “O que é teu é meu, e o tomarei”. O sacerdote e o levita disseram: “O que é meu é meu, e o guardarei”. O samaritano disse: “O que é meu é teu, e te o darei”. A vida verdadeira pertence a aquele que encontra o centro de seu interesse fora de si mesmo (STAGG, 1970. p. 82).

Bailey também afirma que “para Jesus, o amor é algo que você sente e faz” (BAILEY, 1995, p. 101). Ou seja, não é simplesmente um sentimento, mas um sentimento que se move para uma atitude prática em relação ao outro.

#### **e) O conceito de próximo**

A parábola apresenta um conceito dinâmico de “próximo”. A pergunta feita pelo intérprete “quem é o meu próximo?”, é reformulado por Jesus em termos “de quem preciso me tornar próximo?”. A resposta de Jesus, através da parábola, torna-se clara: de qualquer pessoa que se encontre em necessidade, mesmo que seja um inimigo (BAILEY, 1995, p. 102).

A ironia transparece em que o benfeitor é um “herege”. Excluído por definição do direito de ser próximo do judeu, errado tanto na doutrina como na prática da religião (cf Jo 4.20ss); mesmo assim, tinha um amor real pelo inimigo. (SHEDD, 1995. p. 88 - NT).

#### **f) Um conceito de pecado**

Dois tipos de pecado são descritos nesta perícopé. Dois tipos de pecadores aparecem na parábola. Os salteadores ferem o homem mediante a violência. O sacerdote e o levita o ferem pela negligência. Assim, a história demonstra a culpa de ambos os grupos. Uma oportunidade não aproveitada para se fazer o bem torna-se um mal (BAILEY, 1995, p. 102). Isto concorda plenamente com aquilo que Tiago argumenta em sua epístola: “*Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando*” (Tg 4.13).

## **g) Um conceito de Lei**

Pode-se ver também nesta períclope um conceito a respeito da Lei. Quando Jesus pergunta ao intérprete sobre o que a Lei dizia, e este responde que ela se resume em amar a Deus e amar ao próximo, Jesus simplesmente afirma que ele respondeu corretamente. Jesus por diversas vezes declara que o seu mandamento, a sua lei, é o **amor** (Jo 13.34; 15.12,17). Em Mateus 22.37-40, chega a afirmar que toda a lei e os profetas dependem do mandamento de amar a Deus e de amar ao próximo.

O apóstolo João reafirma esta verdade em suas cartas (1 Jo 3.23; 2 Jo 5). O apóstolo Paulo deixa bem claro que *“toda a lei se cumpre em um só preceito: amarás a teu próximo como a ti mesmo”* (Gl 4.14). Na mesma epístola quando fala a respeito do fruto do Espírito, no qual o amor se encontra incluído, afirma que *“contra estas coisas não há lei”* (Gl 5.22-23).

## **Significado aos leitores originais**

Alguns antigos estudiosos, usando o método da alegorização deram o seguinte significado para esta parábola:

O homem que desceu de Jerusalém a Jericó era Adão. Jerusalém representava a celestial cidade da paz da qual ele caiu, e Jericó era a mortalidade humana que ele herdara em consequência de sua queda. Os ladrões eram o demônio e seus anjos, que o despojaram de sua imortalidade. O sacerdote e o levita que passaram por ali do outro lado eram o sacerdócio e o ministério do Antigo Testamento, que não podiam salvá-lo. O bom samaritano foi o próprio Cristo, e seu ato de pensar e enfaixar as feridas foi a repressão do pecado. O azeite e o vinho que ele verteu nas feridas foi o conforto da esperança e o encorajamento para trabalhar com afinco. A montaria foi a carne em que Cristo veio à terra; a hospedaria foi a igreja e o estalajadeiro o apóstolo Paulo. As duas moedas que recebeu em paga são os mandamentos de amar a Deus e ao próximo.<sup>2</sup> (DRANE, 1982. p. 116 *apud* ANGLADA, 2006).

É evidente que a parábola proferida por Jesus não admite semelhante interpretação, apesar de ser um relato engenhoso da história da salvação. Isso pode ser afirmado com certeza, porque a própria pergunta do ouvinte de Jesus fica sem resposta nesta versão. Entretanto, nem todos os intérpretes tomaram o caminho da alegoria.

Morris, por exemplo, conclui seu comentário sobre a parábola nos seguintes termos, pensando do ponto de vista do intérprete da Lei:

O homem perguntara “Quem é o meu próximo?” Jesus o confrontou com a pergunta “De quem estou sendo próximo?” Era um perito na Lei. Agora deve ficar pensando se o sacerdote e o levita, que escrupulosamente retinham a pureza moral requerida pela Lei, realmente guardavam a Lei, que também ordena o amor ao próximo (MORRIS, 1996, p. 180).

Assim, como toda parábola tem por objetivo levar o ouvinte/leitor dar uma resposta imediata ao apelo de Jesus, também o intérprete (o ouvinte original) estava diante de tal decisão. Quanto à pergunta de Jesus, não conseguiu sequer dizer que o samaritano foi o herói da estória, afirmando apenas que foi “*aquele que usou de misericórdia*” (v. 37). Infelizmente o texto não mostra a reação final do intérprete após Jesus repetir o que já havia expressado anteriormente: “*Vai e procede tu de igual modo*”. Provavelmente a cortina do drama (o diálogo de Jesus com o intérprete) se fecha ali, para que o leitor seja levado a dar igualmente uma resposta ao apelo de Jesus.

### **Significado para atualidade**

O significado para os dias atuais é bastante semelhante ao significado para os receptores originais. Com o passar do tempo, os cristãos passam a obedecer a um tradicionalismo (geralmente denominacional), no qual cumprem um sem-número de regras para serem vistos como cristãos. Nenhum problema em obedecer a certos padrões. Mas, como disse Jesus quando censurou os fariseus: “*devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas*” (Lc 11.42). Cumpre-se muitas vezes regras, censura-se pessoas pelas quais se tem preconceito, mas se esquece de amar ao próximo.

De tempos em tempos o legalismo volta à tona, e precisa ser veementemente combatido através das Escrituras, que ordenam que se deve amar a Deus e ao próximo. É interessante lembrar a enfática advertência do apóstolo João, de que não adianta dizer que amamos a Deus e que temos dificuldades de amar ao próximo. Estes tais, conforme o apóstolo, são mentirosos (1 Jo 4.20).

A partir da parábola pode-se observar três grupos de pessoas comumente perceptíveis nos dias atuais. Por um lado existem *aqueles que fazem o contrário daquilo que devem fazer*. Estes são representados pelos salteadores na parábola. São aqueles que deliberadamente se opõem à vontade de Deus. Por outro lado, existem *aqueles que deixam de fazer o que devem fazer*. Este

grupo está representado pelo sacerdote e pelo levita na parábola. Ambos conheciam a vontade de Deus e viram as necessidades do moribundo. Mesmo assim, deliberadamente se omitiram de seu dever. Se o primeiro grupo atualmente é representado por pessoas incrédulas, o segundo é representado por cristãos apenas nominais. Mas existe ainda um terceiro grupo: *aqueles que fazem (muito mais do) o que devem fazer*. São os samaritanos de hoje em dia. Pessoas que compreenderam o amor de Deus e que correspondem amando a Deus e ao próximo. São pessoas que fazem o que devem e, na maioria das vezes, até muito mais do que deveriam, assim como o herói da parábola.

Aquilo que o ser humano faz não é nenhum crédito meritório para a sua salvação. Entretanto, a pergunta inicial que gerou toda esta períclope em Lucas, é “*o que farei para herdar a vida eterna?*”. Certamente, como indicado anteriormente, as ações do ser humano não lhe garantem a salvação, mas são, sim, uma excelente indicação se a pessoa é salva ou não.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAND, Kurt. et.al. *The Greek New Testament*. 4.ed. Germany: Deustche Bibelgesellschaft e United Bible Societies, 1994. 1118 p.
- ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, princípios e métodos linguísticos*. Ananindeua: Knox Publicações, 2006.
- BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 381 p.
- CAMARGO, Sátilas do Amaral. *Ensinos de Jesus através de suas parábolas*. 2.ed São Paulo: Imprensa Metodista, 1970. 189 p.
- CONCORDÂNCIA FIEL DO NOVO TESTAMENTO: Grego – Português. São José dos Campos: Fiel, 1994. Vol. 1. 902 p.
- DRANE, John. *Jesus: sua vida e seu evangelho para o homem de hoje*. Tradução de Alexandre Macintyre. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1982. 212 p.
- ERDMAN, Charles R. *El Evangelio de Lucas*. USA: TELL, 1974. 294 p.
- FUENTE, Tomás de la. *Jesus nos habla por medio de sus parabolos*. Buenos Aires: CBP, 1978. 141 p.
- JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1970. 238 p.
- KISTEMAKER, Simon J. *As parábolas de Jesus*. Tradução de Eunice Pereira Souza. São Paulo: Presbiteriana, 1992. 308 p.
- MORRIS, Leon L. *Lucas: introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1996. 330 p.
- RIENEKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave lingüística do Novo Testamento grego*. Tradução de Gordon Chown e Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1988. 639 p.
- ROBERTSON, A.T. *Una armonia de los cuatro Evangelios*. Tradução de F. W. Patterson e Arturo Parajón. 12.ed. Buenos Aires: CBP, 1995. 259 p.
- \_\_\_\_\_. *Imágenes verbales en el Nuevo Testamento: Lucas*. Barcelona: CLIE, 1989. Vol. 2. 329 p.
- RYRIE, Charles C. *A Bíblia anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994. 1835 p.
- SHEDD, Russell P. (edit. resp.). *A Bíblia Vida Nova*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- STAGG, Frank. *Lucas: el Evangelio para todos*. Tradução de Adolfo Robleto. 2.ed. Buenos Aires: CBP, 1970. 144 p.
- WATTSON, S. L.; ALLEN, W. E. *Harmonia dos Evangelhos*. Rio de Janeiro: CPB, 1953. 267 p.

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista de Ijuí e Bacharel em Filosofia pela Unijuí. É Mestre em Novo Testamento (curso livre) pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo e Mestre e Doutor em Teologia (Bíblia) pela EST/São Leopoldo. É professor e diretor da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí) e professor convidado do curso de Mestrado Profissional em Teologia da Faculdade Teológica Batista do Paraná. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

<sup>2</sup> Manson argumenta no sentido de que “a pergunta é irrespondível, e não devia ter sido feita; porque o amor não começa definindo os seus objetos: ele os descobre”. Bailey complementa: “A pergunta irrespondível permanece sem resposta; pelo contrário, ela se transforma, na resposta que Jesus dá” (Apud. BAILEY, 1995, p. 84).

<sup>3</sup> Geralmente esta interpretação é atribuída a Agostinho, mas Anglada argumenta que o seu criador foi Orígenes (ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, princípios e métodos linguísticos*. Ananindeua: Knox Publicações, 2006. p. 31).